

A MÚSICA COMO FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA NO ENSINO MÉDIO

MUSIC AS A SOURCE OF HISTORICAL RESEARCH IN HIGH SCHOOL

LA MÚSICA COMO FUENTE DE INVESTIGACIÓN HISTÓRICA EN EDUCACIÓN MEDIA

Florinda Cerdeira Pimentel¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o uso da música como fonte de pesquisa histórica no ensino médio. Para tal, delinear-se os seguintes objetivos específicos: (a) conceituar fonte de pesquisa histórica; (b) relacionar músicas a fatos históricos; e (c) apresentar propostas pedagógicas práticas para o ensino de história através da música, como a apreciação ativa. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental. Os resultados indicaram que o uso de música nas aulas de História pode promover uma aprendizagem significativa para os discentes do ensino médio.

Palavras-chave: fonte histórica; música; pesquisa histórica; política e sociedade.

Abstract

This article aims to analyze the use of music as a source of historical research in high school. For this purpose, the following specific objectives were outlined: (a) to conceptualize a source of historical research; (b) to relate songs to historical facts; (c) to present practical pedagogical proposals for teaching history through music, such as active appreciation. As for the methodology, it is qualitative research, of bibliographic and documentary character. The results indicated that the use of music in History classes can promote meaningful learning for high school students.

Keywords: historical source; music; historical research; politics and society.

Resumen

El presente artículo tiene el objetivo de analizar el uso de la música como fuente de investigación histórica en la educación media. Para ello, se definieron los siguientes objetivos específicos: (a) definir fuente de investigación histórica; (b) relacionar músicas a hechos históricos; (c) presentar propuestas pedagógicas prácticas para la enseñanza de historia por medio de la música, como la apreciación activa. En cuanto a la metodología, se trata de una investigación cualitativa, de carácter bibliográfico y experimental. Los resultados indican que el uso de la música en clases de Historia puede favorecer un aprendizaje significativo para estudiantes de educación media.

Palabras-clave: fuente histórica; música; investigación histórica; política y sociedad.

1 Introdução

Inúmeras pesquisas apontam que a música contribui, significativamente, para o aprimoramento da memória, concentração e atenção — condições fulcrais para o processo de aprendizagem. Tais condições são especialmente importantes para os adolescentes durante o ensino médio, pois enfrentam conflitos causados pela puberdade e, concomitantemente,

¹ Professora da área de Linguagens Cultural e Corporal no curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Internacional Uninter e Especialista em Educação Musical e Licenciada em Música e História. E-mail: florinda.p@uninter.com.

precisam lidar com questões como conclusão da escola, ENEM², vestibular, bem como a escolha de uma profissão. Muszcat (2000), neurologista, neuropediatra e escritor brasileiro, afirma que a experiência musical modifica estruturalmente o cérebro. Segundo o autor, pessoas sem treino musical processam melodias preferencialmente no hemisfério cerebral direito; já nos músicos, a transferência ocorre também no hemisfério esquerdo — o que promove maior conectividade entre os neurônios e em diferentes áreas do cérebro. A ativação do hemisfério esquerdo é capaz de potencializar não apenas as funções musicais, mas, também, as funções linguísticas que se encontram no mesmo lado. Inúmeros circuitos neuronais são ativados pela música, visto que seu aprendizado requer habilidades que envolvem estímulos simultâneos e funções cognitivas como atenção e memória.

O interesse pela música relaciona-se ou reflete uma mudança de paradigma, que está ocorrendo tanto nas ciências humanas como nas ciências biológicas, e insere-se no terreno da interdisciplinaridade, no qual as especializações dão lugar às fronteiras e à unificação de áreas, antes seccionadas do conhecimento como as ciências e as artes (MUSZCAT, 2000, p. 69).

O objetivo principal deste artigo é apresentar a música como uma ferramenta eficaz de pesquisa histórica, especialmente no ensino médio; o intuito é proporcionar ao estudante uma fonte complementar que vá além dos conteúdos presentes no livro didático.

Para tanto, delinear-se os seguintes objetivos secundários:

- Conceituar fonte de pesquisa histórica;
- Relacionar a música a fatos históricos, com base em seu compositor e no contexto em que foi criada;
- Apresentar propostas pedagógicas práticas, como a apreciação ativa, para serem utilizadas em sala de aula.

Parte-se da hipótese de que a utilização da música nas aulas de História é capaz de promover um aprendizado significativo e enriquecedor, pois, com a sua utilização, o conhecimento se consolida. Tal processo ocorre mediante a uma proposta pedagógica dinâmica, com atividades práticas, como a apreciação ativa agregada à busca pelo contexto histórico em que este material sonoro foi composto. Como a música é um elemento existente durante toda história, é provável encontrar entre os materiais sonoros — como partituras, instrumentos e letras — vestígios de onde, quando e o que inspirou tais compositores a criar determinada obra. Para verificar a viabilidade da hipótese, realizou-se uma pesquisa qualitativa, utilizando-se referenciais bibliográficos e documentais.

² ENEM – Exame nacional do Ensino Médio.

2 Conceito de fonte de pesquisa histórica

2.1 O que é uma fonte histórica?

Segundo Cavazzani (2017, p. 23), o ponto de partida para a construção da pesquisa histórica vem “dos materiais históricos e das fontes históricas que não se resumem a documentos escritos, por meio dos quais se constroem os chamados fatos históricos.” Tais fontes, vestígios do passado, são encontradas mediante uma análise documental que possibilita ao historiador uma realidade aproximada do acontecimento a ser estudado.

As fontes históricas podem ser encontradas nas mais variadas formas, como, por exemplo, documentos, imagens, obras de arte, livros, testemunhas, mapas e na música. Ginzburg (1989b) compara o trabalho de um historiador com o de um médico, psicanalista ou investigador; é preciso analisar os vestígios para encontrar uma resposta concreta.

A partir do século XX, com o surgimento da chamada Escola dos Annales, fundada pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch, a pesquisa histórica entra em confronto com o regime historiográfico metódico — que concebia como fontes históricas somente pessoas consideradas “importantes”, como reis e papas; ademais, o foco da pesquisa era baseado somente em documentos oficiais. Mais do que mapas, datas e escritos, Bloch (2001) considera a história não como o estudo do passado, mas como estudo do homem no tempo. A partir desta nova concepção, sabe-se que os vestígios do homem em seu passado constituem mais do que documentos, mas envolve tudo que possa ser considerado rastros de seu tempo. Tais vestígios podem contribuir significativamente para a compreensão do indivíduo nos mais diferentes contextos; portanto, não se deve excluir qualquer possibilidade de análise, seja ela uma foto, livro, alimento, um lugar ou uma música, como o exemplo a seguir citado por Martin e Bourdê (1983, p. 111), uma canção entoada pela escola maternal nas aulas de História no século XVIII:

Para ser um homem, é preciso saber escrever
E em pequeno, aprender a trabalhar.
Pela Pátria, uma criança deve instruir-se
E na escola aprender a trabalhar.
Soou a hora, marchemos a passo,
Jovens crianças, sejamos soldados.

Segundo o autor, muitas destas crianças realmente se tornaram jovens soldados dos regimes totalitários e conheceram a morte nas trincheiras e campos de guerras mundiais. Neste contexto, é possível observar que as crianças já eram preparadas para colocar sua vida a serviço da pátria.

Em vista disso, o professor deve ser criterioso para utilizar os materiais de investigação elegidos para desenvolver determinado assunto, pois, mais do que ferramentas metodológicas, estes materiais podem se tornar fontes histórias — caso sua produção se adeque ao contexto trabalhado (CAVAZZANI, 2017).

3 A música como ferramenta de pesquisa

Conforme a nova concepção, trazida pelos analistas, tudo pode ser considerado fonte histórica. Assim, Bloch (2001, p. 20), afirma que: "a verdadeira história interessa-se pelo homem integral, com seu corpo, sua sensibilidade, e não apenas suas ideias e atos".

Para Penna (2008), a música é uma forma de arte que possui o som como material básico; o fazer musical é uma experiência que varia conforme o contexto histórico ou espaço em que o indivíduo se encontra. Destarte, a música, como arte, caracteriza a sua expressividade, pois, “ a arte de modo geral, é uma atividade essencialmente humana através da qual o homem constrói significações na sua relação com o mundo” (PENNA, 2008, p. 18). Assim, por intermédio de uma visão interdisciplinar, é possível utilizar a música para investigar diferentes contextos históricos — a partir da compreensão de mundo que o compositor, seus contratantes e os ouvintes da época possuíam.

Uma obra musical possui inúmeras informações que possibilitam entender a história de um determinado lugar, sua estrutura político-social e seu povo, como, por exemplo: (a) o público-alvo; (b) os locais em que aconteciam as apresentações; (c) a forma com que esta música foi perpetuada; (d) os gêneros musicais que eram permitidos ou não em determinada época; (e) os instrumentais; (f) as vozes, entre outros.

4 A história presente na música erudita

4.1 Uma breve história da música

Tendo como base a história da música ocidental, compreende-se que a evolução da música acompanha uma linha de tempo que perpassa por diversos períodos importantes da história.

Já na pré-história, é possível identificar alguns costumes, crenças, utensílios e alimentos da época a partir de contextos em que a música foi utilizada, como rituais às divindades, por exemplo; pela observação dos instrumentos musicais utilizados, que possuíam ossos e pele de animais como matérias-primas, é possível levantar hipóteses sobre o dia a dia desta população.

Na música antiga, já se tem o domínio da igreja e o controle total na escolha das vozes, instrumentos musicais como o órgão e o cravo e nas composições predominantemente religiosas. A partir de 1600 a 1740, no período Barroco, mesmo sob forte influência da igreja, a música profana passa a ganhar espaço, assim como outras formas de composições vocais e instrumentais. Os principais compositores como J.S. Bach e G.F. Haendel são assalariados dos príncipes ou da igreja.

Em 1740, chega o período Clássico que se estende até 1800. A busca por um estilo musical mais refinado exigido pela corte faz com que o Classicismo seja caracterizado por grandes inovações, mediante o surgimento de concertos para instrumentos solo, sinfonias e sonatas. Surgem, assim, os primeiros compositores com autonomia para compor suas obras, com destaque para W. A. Mozart.

Com Ludwig van Beethoven, o período Clássico termina; com sua genialidade, senso crítico e espírito revolucionário, o compositor define a transição para o Romantismo, que se estende até 1912. Neste período, os compositores deixaram a preocupação exagerada com as formas musicais que traziam do Classicismo e passaram a utilizar a música com maior expressividade. Nesta época, surge o nacionalismo musical, em que os autores dedicavam suas obras ao seu país, porém abordando um estilo que agradasse ao público europeu. Os principais compositores desta fase foram: L. V. Beethoven, R. Schumann, F. Liszt, R. Wagner, F. Schubert, G. Verdi, J. Brahms, P. Tchaikovsky, F. Chopin.

A música moderna e contemporânea surgiu a partir de 1912; passou, então, a apresentar inúmeras vertentes, entre as quais pode-se destacar: o Romantismo tardio de G. Mahler e Richard Strauss; o expressionismo com a música de A. Schonberg, Alban Berg, Anton Webern, conhecidos como a "Segunda Escola de Viena"; a música de Prokofieff, como forma de divulgação política que surge, especialmente, após a revolução russa; o nacionalismo exacerbado, representado pelo húngaro Bela Bartók, que teve suas obras banidas pelo regime nazista. Mais adiante, surgiram o Neoclassicismo de Stravinsky e alguns compositores franceses, a música Dodecafônica, chamada de Segunda Escola de Viena e, finalmente, a música Eletrônica, Pop e Minimalista.

Na atualidade, pode-se observar que muitos compositores têm seu trabalho delineado por acontecimentos históricos; eles fazem da música uma forma de expressão, engajamento ou protesto. Destarte, analisar obras musicais vai além da apreciação; nas entrelinhas das notas musicais, existe a intensão do compositor, que abordar os mais diversos temas.

5 Beethoven: um revolucionário

Ludwig van Beethoven, nasceu em Bonn, reino da Prússia, em dezembro de 1770. Iniciou seus estudos de música em casa com o pai, que era tenor na capela da corte e praticava piano e violino. Ainda criança, demonstrou grande habilidade musical, e aos oito anos de idade seus estudos de música foram confiados ao mais importante mestre de cravo da colônia, Chrintian Neefe — que não aceitava os improvisos do garoto, devido a seu método de ensino sistemático. Em 1787, Beethoven vai para Viena para aprimorar seus estudos, porém, logo retorna devido ao falecimento de sua mãe. Em 1789, inscreve-se na Universidade de Bonn para cursar Letras, e lá tem contato com pensadores iluministas que o fazem despertar para os seus ideais revolucionários.

O compositor tinha uma vida conturbada, tanto em relação à sua vida pessoal — carregada de tragédia e desilusão — quanto à situação em que o mundo se encontrava, em meio às guerras e revoltas; o período ficou conhecido como “a era do terror”, ocorrido durante a Revolução Francesa, especialmente pelo uso deliberado das guilhotinas por volta de 1792, ano em que Louis XVI foi decapitado. O jovem Beethoven foi, desde o início, um grande admirador da Revolução Francesa; ademais, mesmo com a Áustria sendo a força principal da coalizão contrarrevolucionária contra a França e a arte na capital imperial sufocada pela censura, as palavras não ditas encontraram expressão através da música do compositor.

Segundo Morris (2007), o compositor idolatrava Napoleão Bonaparte, pois acreditava nos ideais da revolução. Quando Beethoven compôs sua terceira sinfonia, escreveu uma dedicatória a Bonaparte; contudo, em 1804, quando Bonaparte se autoproclamou imperador, Beethoven retirou a dedicatória e substituiu o segundo movimento da peça — inicialmente uma marcha triunfal — por uma marcha fúnebre. Posteriormente, o compositor chamou a obra de Sinfonia Eroica (Heróica), composta per *festeggiare il sovvenire d'un grand'uomo* ("sinfonia heroica, composta para celebrar a memória de um grande homem"); isto é, para Beethoven seu “herói” havia morrido (MORRIS, 2007, p. 143).

Entretanto, Beethoven não foi um revolucionário apenas por suas composições, mas, também, devido à forma como modificou a profissão de músico; ele foi um dos primeiros músicos autônomos, visto que na época os músicos faziam parte do serviço à corte. Além disso, instituiu uma nova configuração de plateia, onde os espectadores deveriam ficar em silêncio para ouvir as obras que estavam sendo executadas. Aos 21 anos, Beethoven era disputado para ser hospedado por príncipes em Viena — o oposto de Mozart que poucos anos antes comia com os camareiros (MORRIS, 2007, p.13).

Estudar a obra de Beethoven é compreender um pouco do cenário político e social da Europa da época. O compositor criou, também, um novo estilo de música, pois suas

composições não eram feitas para que as plateias se deleitassem enquanto comiam e bebiam, ou cochilassem durante as apresentações — como acontecia nos concertos nas cortes dos príncipes; em oposição a isso, suas músicas eram intrigantes e levavam o ouvinte a uma profunda reflexão. Sua maior e mais importante obra foi a Sinfonia nº 9 em Ré menor, opus 125, em que pela primeira vez que alguém introduziu um grande coro dentro de uma sinfonia. Esta composição assombrou a humanidade com o coro cantando o texto de Ode à Alegria, poema de Friedrich Schiller, que Beethoven conhecia desde 1792.

Beethoven permaneceu em pé, de costas para o salão, absorvido na partitura diante dele. Um dos solistas, a soprano adolescente Caroline Unger, o pegou gentilmente pela manga do casaco e fez com que se voltasse para a plateia para que pudesse ver o tumulto (MORRIS, 2007, p. 251).

A confusão foi tamanha que a polícia precisou intervir, pedindo calma à plateia, pois o público interrompeu a sinfonia quatro vezes com suas ovações (MORRIS, 2007).

6 A história na música popular Brasileira e no rock nacional

Durante a ditadura militar, instalada em 1964, a música passou a ser utilizada como instrumento para mascarar a situação política vigente — já que as críticas sociais eram banidas da produção musical pela censura. As músicas estrangeiras, além de gêneros nacionais, serviram como fundo musical harmônico para o governo militar; contudo, a música também foi utilizada como contradiscurso e denúncia.

São inúmeras as canções da dupla Bosco/ Blanc, por exemplo, que criticavam a repressão e a censura: “Meu samba é casa de marimbondo/ tem sempre enxame pra quem mexer”, “Não põe corda no meu bloco/ não vem com teu carro-chefe/ não dá ordem ao pessoal”, “E nuvens, lá no mata borrão do céu/ chupavam manchas torturadas”. Além de João Bosco e Aldir Blanc, outros nomes como Chico Buarque e Paulinho da Viola também usavam as entrelinhas das suas composições para denunciar as mazelas sofridas durante a ditadura militar.

Aldir Blanc e João Bosco também utilizavam suas canções para falar da vida e do dia a dia do povo brasileiro, como, por exemplo, a canção intitulada “Rancho da goiabada”, composta em 1976 e interpretada por Elis Regina dois anos depois:

Os boias-frias quando tomam umas biritas espantando a tristeza sonham com bife a cavalo batata frita e a sobremesa é goiabada cascão com muito queijo depois café, cigarro e um beijo de uma mulata chamada Leonor ou Dagmar. Amar o rádio de pilha, o fogão jacaré, a marmitta, o domingo, o bar onde tantos iguais se reúnem contando mentiras pra poder suportar (BLANC; BOSCO, 1976, n.p.).

Nesta canção, observa-se a intenção dos compositores em criticar as péssimas condições de vida em que os trabalhadores rurais do plantio de cana de açúcar se encontravam — quadro mais comum até os anos 80, mas que ainda prevalece em algumas cidades no interior do estado de São Paulo. Conhecidos como boias frias, estes trabalhadores são assim chamados porque, na maioria das vezes, não têm onde esquentar suas marmitas, e acabam comendo seus almoços frios e, por vezes, a comida estragava.

O quadro político-social brasileiro também pode ser analisado mediante as letras das músicas compostas por muitos compositores e bandas nos anos de 1980 e 1990. A MPB (Música Popular Brasileira), o funk carioca e o rock nacional trazem, em suas letras, mensagens de denúncia e protesto contra o sistema político e social. A seguir, alguns exemplos de artistas e suas canções de protesto:

- Legião Urbana – Que País é Este?
- Titãs – Vossa Excelência
- Capital Inicial – Vamos Saquear Brasília
- Ultraje a Rigor – Inútil
- Plebe Rude – Até Quando Esperar
- Gabriel O Pensador – Até quando?
- Biquíni Cavado – Zé Ninguém
- Engenheiros do Hawaii – Toda Forma de Poder
- Cazuza – Ideologia
- O Rappa – Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)
- Paralamas do Sucesso – Perplexo
- Inocentes – Pátria Amada
- Ira! – Gritos na Multidão
- Lulu Santos – Tempos Modernos
- Raul Seixas – Aluga-se

Além destas obras citadas, pode-se conhecer mais sobre a realidade vivida pelo povo do sertão nordestino por intermédio das canções trazidas pelos versos dos repentes, uma forma de improviso cantado — geralmente alternado entre dois cantores com acompanhamento da viola. Segundo Essinger ([20--], n.p.),

O repente se insere na tradição literária nordestina do cordel, de histórias contadas em caudalosos versos e publicadas em pequenos folhetos, que são vendidos nas feiras por seus próprios autores. Uma tradição que, por sinal, inspirou clássicos da literatura

brasileira, como o Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, e Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto.

Ainda segundo o autor, não importa a beleza da voz ou a sua afinação, mas a destreza entre os pares em rebater diretamente o discurso proposto por seu oponente; tais discursos, muitas vezes, tratam da rotina do sertanejo, discussões políticas e críticas sociais.

São inúmeros os exemplos de músicas que abordem fatos históricos em suas entrelinhas, ou até mesmo escancaradas em seus versos. Assim, cabe ao professor de História oferecer aquela que mais se enquadra ao contexto a ser estudado, permitindo que o aluno ouça, analise, estude o assunto e faça suas conexões.

7 A música na sala de aula

A música é fundamental na formação da identidade pessoal e social, principalmente na vida do adolescente, através de funções psíquico-evolutivas, psíquico-sociais e socioterapêuticas. Um dos estilos musicais preferidos pelos jovens é o rock, que propicia, assim como outros estilos, um meio de aquisição de identidade pessoal, social e de comunicação. Ela favorece o contato do adolescente com o mundo, aguça o crescimento da percepção, da emoção e do desenvolvimento mental, estimula a sua autodescoberta, o desenvolvimento das suas potencialidades, a harmonia e uma melhor comunicação. Através das preferências musicais dos adolescentes podemos conhecer um pouco da sua personalidade, sua individualidade; suas ideias e sentimentos sobre si mesmos e sobre os outros.

O contato com a música deve ser uma prática constante no processo de ensino-aprendizagem do adolescente porque é ferramenta auxiliar no processo de formação, ela pode levá-lo a se relacionar com experiências humanas a fim de promover inúmeras possibilidades no campo da motivação, da emoção e da criação; a conhecer diferentes culturas e pode estimulá-lo a descobrir-se, a encontrar, manifestar e desenvolver o que de melhor já existe no seu íntimo. Segundo Gainza (1988), a música é um elemento de fundamental importância, pois movimenta, mobiliza e, por isso, contribui para a transformação e o desenvolvimento. A música não substitui o restante da educação, ela tem como função acrescentar de forma positiva no desenvolvimento.

Ao se trabalhar um conteúdo de História na sala de aula, especialmente no ensino fundamental anos finais e no ensino médio, é possível ao educador apresentar o tema a ser pesquisado de forma prática, interessante e com maior potencial de fixação do aprendizado, quando este utiliza recursos pedagógicos dinâmicos e metodologias ativas. É comum ouvir de

um adolescente que estudar as disciplinas comuns do ensino médio é entediante e cansativo, porém o educador pode mudar este panorama ao se abrir à novas formas de ensinar.

No ensino médio, de acordo com os PCNs (2000), a música e as demais artes podem favorecer a formação da identidade e despertar no jovem a consciência de uma sociedade multicultural.

Conhecer arte no Ensino Médio significa aos alunos apropriarem-se de saberes culturais e estéticos inseridos nas práticas de produção e apreciação artísticas, fundamentais para a formação e o desempenho do cidadão. Na escola de Ensino Médio, continuar a promover o desenvolvimento cultural e estético dos alunos com qualidade, no âmbito da Educação Básica, pode favorecer-lhes o interesse por novas possibilidades de aprendizado, de ações, de trabalho com a arte ao longo da vida (BRASIL, 2000, p. 46).

Com as metodologias ativas, pode-se buscar um aprendizado rico, em que o professor, no papel de mediador de oportunidades, oferece aos alunos a chance deles mesmos buscar o conhecimento por meio de uma pesquisa investigativa. Quando o aluno se colocar como um “detetive” em busca dos fatos, ele se torna protagonista do seu aprendizado; assim, precisa considerar todas as fontes de pesquisa histórica possíveis, e a música, como supracitado, tem muito a contribuir neste processo.

Em sala de aula, oferecer momentos de apreciação ativa, ou seja, permitir que o indivíduo faça suas descobertas por meio da música e suas significâncias, faz da construção do conhecimento uma experiência enriquecedora e promove um aprendizado muito mais eficaz; assim, com o auxílio também dos livros didáticos, o aluno é capaz de realizar uma imersão no contexto histórico estudado, em uma proposta.

8 Metodologia

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma experiência proporcionada em um estágio supervisionado no ensino médio, em que foi possível realizar um levantamento de ferramentas de pesquisa relacionadas à música com intuito de demonstrar as possibilidades que esta pode oferecer dentro de uma visão interdisciplinar, ao ser agregada ao ensino de História em classes do ensino médio.

Para a elaboração deste trabalho, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfica e documental, responsáveis pelo fornecimento de dados e subsídios necessários para o embasamento e desenvolvimento deste trabalho. Como pesquisa bibliográfica, utilizou-se a literatura referente à história da música, educação musical e o ensino de História, com destaque aos estudantes do ensino médio. A pesquisa documental ocorreu mediante

instrumentos legais relacionados à educação, além de revistas, monografias, materiais audiovisuais e meios de comunicação como a internet; a finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com os materiais já produzidos sobre o assunto.

De acordo de Lakatos e Marconi (2001, p. 43-44), a pesquisa de fonte bibliográfica:

[...] trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita [documentos eletrônicos]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

A partir desta coleta de informações, a proposta para o ensino de História no ensino médio, utilizando a música como fonte de pesquisa histórica, foi colocada em prática em uma aula *online*, realizada pela ferramenta de compartilhamento *Stream Yard*, na plataforma do *Youtube*. A aula foi transmitida em de 17 de junho de 2020 e obteve dezesseis curtidas e cinquenta e cinco visualizações.

Destarte, este artigo é embasado em variados autores, reflexões e análise de referências diversificadas, para embasamento da proposta, como a a importância do ensino da Música no ensino médio, de acordo com os PCNs³, sua aplicação de forma interdisciplinar no ensino de História bem como e sua utilização como ferramenta de pesquisa histórica.

9 Considerações finais

Devido à preocupação em relação a um ensino de História que seja atrativo ao jovem estudante do Ensino Médio, o principal objetivo deste artigo foi oferecer uma proposta de ensino com uma pedagogia ativa, que possa colocar o aluno como protagonista de seu aprendizado, instigando-o à pesquisa e análise dos conteúdos abordados. Aqui, o professor ocupa um papel de mediador de experiências; neste caso, a proposta de ferramenta de pesquisa oferecida foi a música.

A música como ferramenta de pesquisa histórica tem o potencial de agregar informações significativas na busca por respostas a um determinado acontecimento, período ou pessoa histórica a quem se deseja estudar. Ao analisar um determinado compositor, a época em que viveu, localidade, vivências e pensamentos, é possível reconhecer evidências históricas, por intermédio de suas composições.

³ PCNs - Parâmetros Nacionais Curriculares.

Estudar Beethoven, como foi exemplificado neste trabalho, esclarece, por exemplo, o impacto que a Revolução Francesa provocou na sociedade da época — considerando que o período impulsionou o compositor a produzir obras consideradas revolucionárias até os dias atuais. Assim, compreender a obra deste compositor é perceber os anseios e decepções advindas de uma revolução que, inicialmente, pretendia mudar a sociedade, com ideais de liberdade, igualdade e fraternidade perante um governo absolutista.

Mais do que belas composições, Beethoven se desvinculou dos trabalhos dedicados exclusivamente à corte para defender seu trabalho de maneira autônoma, o que criou uma música totalmente nova, sem as barreiras estruturais que vinham do Classicismo; ademais, ele fez de sua música uma forma de expressão diante do cenário político e social em que estava inserido.

Abordaram-se, também, compositores brasileiros, como Aldir Blanc e João Bosco, que mesmo com o silêncio imposto pela Ditadura Militar da década de 1960, fizeram da música uma forma denúncia das condições impostas à sociedade da época; posteriormente, citaram-se as músicas de protesto entoadas por inúmeras bandas e artistas no Brasil dos anos 80/90, que denunciavam a injustiça social e a corrupção.

A partir de uma pesquisa criteriosa, detectou-se o quanto o estudo de História pode ser interessante e eficiente no ensino médio com o auxílio da música como ferramenta, pois nas entrelinhas das notas musicais está o sentimento, a inspiração e, por vezes, os ideais de seus autores, que podem contribuir para a constatação de um fato histórico. Destarte, permitir ao estudante o acesso a tais obras musicais em sala de aula é promover um aprendizado efetivo, além de tornar as aulas de História mais dinâmicas.

Referências

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Nacionais Curriculares: arte**. Brasília: Ministério da Educação; SEF, 1997. 130 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - PCNEM**. Ensino Médio: Linguagem, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMT, 2000.

CANDÉ, Roland de. **História Universal da Música**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. v. 2.

CAVAZZANI, A.L.; CUNHA, R.P. **Ensino de História: Itinerários históricos e orientações práticas**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

ESSINGER, Silvio. Repente. **Cliquemusic**, [S.l.], [20--]. Disponível em <http://cliquemusic.uol.com.br/generos/ver/repente>. Acesso em: 02 nov. 2020.

FIUZA, Alexandre Felipe. **Entre cantos e chibatas: a pobreza em rima rica nas canções de João Bosco e Aldir Blanc**. 2001. 267 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2001.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2001. p. 43-44.

LOBO, Andrea Maria Carneiro; PORTELLA, José Roberto Braga, **Percursos da história moderna**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

MARTIN, H.; BOURDÉ, G. **As escolas históricas**. Sintra: Europa-América, 1983.
MORRIS, Edmund. **Beethoven: o compositor universal**. Tradução Marisa Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. Coleção Breves Biografias.

MUSZKAT, M; CORREIA, C.M.F; CAMPOS, S. M. Música e Neurociências. **Revista de Neurociências**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.70-75, 2000.

PENNA, Maura. **Música (s) e seu ensino**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2008.
RANCHO da goiabada. Intérprete: Elis Regina. Compositores: Aldir Blanc e João Bosco. *In: Transversal do Tempo*. Intérprete: Elis Regina. Rio de Janeiro: Phonogram, 1978. 1 CD, faixa 4.